

A FORMAÇÃO DO ESTADO-TAMPÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

THE FORMATION OF THE STATE BUFFER AND ITS IMPLICATIONS IN CONTEMPORARY WORD

ANDERSON BREMM PECKⁱ & CAMILO PEREIRA CARNEIRO FILHOⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ⁱanderbremm@hotmail.com, ⁱⁱcaedre@ig.com.br

RESUMO. O globo terrestre está dividido em aproximadamente 200 Estados soberanos. A formação desses Estados vem ocorrendo de diferentes formas e em distintos períodos ao longo da história. O presente trabalho pretende analisar a formação de países conhecidos como Estados-tampões, que surgem em territórios que têm sua independência ligada ao fato de estarem localizados entre potências rivais. Dentre as dezenas de casos existentes serão abordadas ocorrências em quatro continentes: a Europa, América, África e Ásia. Considerado pela diplomacia como uma ferramenta de solução de conflitos interestatais, cada Estado-tampão possui uma história própria, uma localização e uma razão de existir diferente. A análise da formação destes países é relevante para uma melhor compreensão dos conflitos e disputas territoriais que ocorrem hoje em regiões do planeta como o Oriente Médio, África e a Europa Oriental.

PALAVRAS-CHAVE. ESTADO-TAMPÃO, POTÊNCIAS, ESTADO, GEOPOLÍTICA.

ABSTRACT. The globe is divided into roughly 200 sovereign states. The formation of these states is occurring in different ways and at different times throughout history. This paper discusses the formation of countries known as buffer states, which arise in territories that have their independence linked to the fact that they are located between rival powers. Among the dozens of existing cases instances will be addressed in four continents: Europe, America, Africa and Asia. Regarded diplomacy as a tool for resolving interstate conflicts, each buffer state has its own, history and a reason for being different. The analysis of the formation of these countries is relevant to a better understanding of conflicts and territorial disputes occurring today in regions of the world like the Middle East, Africa and Eastern Europe.

KEYWORDS. BUFFER STATE, POWERS STATE, STATE, GEOPOLITICS.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está constituído de eixos norteadores que auxiliam no entendimento do conceito chave deste trabalho – o Estado-tampão. O primeiro eixo trata da formação do Estado-nação que subsidia a análise do trabalho. Também é apresentada a questão dos limites e das fronteiras, necessária para a compreensão da realidade e da conceituação de alguns Estados-tampões. Na parte subsequente são apresentados quatro casos de Estado-tampão que serão analisados nesse trabalho. Por fim, são analisadas as consequências sociais e políticas da existência dos Estados citados.

Por todo o mundo temos inúmeros casos de grupos de pessoas que compartilham um passado e uma cultura comuns e buscam a independência de suas nações. Muitas vezes, a criação de novos Estados vai de encontro aos interesses dos países que perderão território. Essas reivindicações envolvem distintos poderes, agentes e governos e resultam em conflitos que podem ocasionar guerras.

Este trabalho propõe analisar um tipo de formação de países que são denominados como Estado-tampão e surgem como porções de terras que têm sua independência relacionada a disputas entre potências inimigas. Um Estado-tampão pode ser entendido como país situado geograficamente e/ou politicamente entre duas ou mais potências (CHAY; ROSS, 1986), criado artificialmente, sem uma identidade definida.

No mundo existem mais de vinte países que podem ser classificados como Estado-tampão. Há mais de vinte países que são frutos deste tipo de independência. No entanto, este trabalho visa trabalhar de forma mais focalizada alguns deles. Entretanto, este trabalho ficaria com informações demasiadas e de caráter enciclopédico caso optasse seguir por esse caminho. Seria complicado realizar análises de todos os países, por isso se optou por escolher um país por continente, dentre os continentes são contemplados a África, América, Ásia e Europa.

Dentre os Estados-tampões existem dois tipos específicos: a) aqueles criados de forma arbitrária e que reúnem povos, que possuem por vezes, diferentes línguas, e não tem uma identidade cultural e tampouco uma cultura comuns. Como exemplos podemos citar: o Afeganistão e a Bélgica; b) aqueles que possuem língua e cultura comuns mas que só adquiriram a independência em virtude de interesses geopolíticos externos à sua vontade. Nesse caso temos os exemplos de Polônia e Hungria.

A FORMAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO

As formações de Estados ocorreram por inúmeras razões, épocas e sentidos diferenciados. A fim de, conceituar e diferenciar as funções do Estado recorremos a Sánchez (1992) que divide em quatro acepções fundamentais para pensarmos o termo Estado. E são elas: a) Estado-nação; b) Estado-poder; c) Estado-território; d) Estado-administração. Cada uma destas conceituações apresenta distintos fundamentos e recorre a diferentes formas de análise. Com o intuito de apresentar a forma de análise do corrente trabalho, apenas o Estado-nação será exposto. Estado-nação possui uma utilização corrente nos meios geográficos.

A palavra 'Estado' pode ser conceituada como uma instituição política que possui a soberania reconhecida pelo direito. Podemos entender nação como uma comunidade formada por pessoas que compartilhem de elementos históricos e culturais (FONT; RUFÍ, 2006). O termo Estado-nação se remete a uma instituição política que possui soberania sobre um determinado território, e que contempla elementos históricos e culturais em comum por um grupo de pessoas.

No entanto, é importante salientar que tivemos ao longo da história alguns pensadores que orientaram e subsidiaram através de suas ideias a formação de países. O caso alemão sofreu uma influência direta de Ratzel que associou a questão do solo, o idioma, os costumes, dentre outras características para justificar seu pensamento (RATZEL, 1982).

Ratzel além de ter auxiliado nos ideais nacionalistas também teve papel fundamental na formação da ciência geográfica. Todo o trabalho dos geógrafos alemães para que se conhecesse melhor o território foi de suma importância, para conseguir a independência da Alemanha. Maquiavel também deve ser citado como importante estudioso da causa dos Estados. Sua abordagem estava repleta de exemplos históricos e vinha a fornecer ferramentas aos detentores do poder de determinados territórios. Apesar do Estado italiano não ter sido formado nessa época seus escritos

foram de suma importância para a compreensão de algumas práticas geográficas e políticas de países até os correntes dias (MAQUIAVEL, 2008).

Rosecrance acrescenta elementos para pensarmos o Estado-nação. Os ímpetos revolucionários e nacionalistas auxiliaram no surgimento de Estados-nação com certa coesão interna, e com poucas políticas de cooperar entre Estados, que ocorreu em meados do século XIX (ROSECRANCE, 1986). As inúmeras guerras e disputas que continuaram ocorrendo ao longo dos anos atestam os problemas decorrentes de Estados sujeitos a alterações, tendo como base uma expansão e/ou adequação de seus limites.

Apesar de não ter utilizado o termo geopolítica Halford J. Mackinder foi considerado um grande pensador do tema. A sua teoria tem na geoestratégia a chave para o controle mundial. Mackinder realizou uma hierarquização de diferentes espaços e a eles atribuiu valores permanente para o poderio mundial (VESENTINI, 2005). A partir desta lógica atribuiu uma área central, a *pivot area*, que compreende uma imensa região localizada parte de sua extensão na Europa e outra parte na Ásia, que corresponde hoje a grande parte da Europa oriental, e a denominou de “*heartland*” (“terra-coração”). Mackinder coloque que se algum país dominasse o “*heartland*” dominaria o mundo (VESENTINI, 2005).

Outro grande pensador da geopolítica mundial foi o geógrafo americano Nicholas J. Spykman que havia se voltado para questões teóricas e metodológicas da geografia política, ao questionamento da geopolítica. A partir desta lógica realizou um estudo atualizando o pensamento de Mackinder e inserindo novos elementos na análise (COSTA, 2008). Do ponto de vista de Spykman o “*heartland*” de Mackinder não representava mais um papel decisivo, mas sim as regiões de contato e que vão em direção ao centro dos continentes, como as suas borás marítimas, estas regiões foram denominadas de “*rimland*” (caminho circunferencial marítimo). Estas zonas eram capazes de compensar e até mesmo superar o “*heartland*” (COSTA, 2008).

A formação e consolidação de Estados sempre foi objeto de análise e interferência de diferentes potências. As regiões citadas anteriormente – “*heartland*” e “*rimland*” - sempre foram palco de inúmeros conflitos ao longo dos anos. Por este motivo sempre houve um grande interesse das potências sobre toda esta região. A formação de Estados-tampões nesta área é uma realidade, através da forte pressão e apoio de potências rivais, a fim de, garantir a fragmentação do *pivot area*. Após o término de cada uma das duas guerras mundiais podemos ver uma fragmentação e também mudança nos mapa-múndi desta região, em função dos interesses de grandes potências que viam como problema a unificação num único Estado estas grandes extensões de terra.

Na busca de compreender a formação das fronteiras de alguns Estados, que inicialmente, eram moveis e também sujeitas a mudanças devido a critérios variados. Outro fator fundamental na construção dos limites internacionais, o mercado interno sempre teve importante papel na coesão dos Estados nacionais. Este também está sujeito aos poderes que comandam a gestão do território estatal. Podemos vislumbrar a partir da história dos referidos países estudados que a questão das fronteiras sempre esteve sujeita a mudanças.

O Barão do Rio Branco através de seus escritos explana que a decisão sobre determinado limite nem sempre é natural, e ou de fácil decisão, devido ao elevado número de agentes envolvidos nas dinâmicas existentes. No que tange ao tema da fronteira norte brasileira e a disputa com as

potências (a saber, França, Países Baixos e Inglaterra) podemos notar que os acordos, discussões, reuniões, dentre outras práticas, foram frequentes, o que resultou no atual traçado para a fronteira do Brasil (JORGE, 1999). A partir do presente texto, vislumbramos que as fronteiras nem sempre são “fechadas” e podem se alterar dependendo do contexto envolvido. A dificuldade de se encontrar mapas de algumas regiões também reflete a falta de precisão e/ou definição de algumas áreas pelo mundo.

LIMITE E FRONTEIRA

Estes dois termos, à saber limite e fronteira, possuem variadas e complexas significações. Com o intuito de embasar o presente trabalho foi utilizada a conceituação de Machado (1998). Para podermos entender limite como fator de separação, pois separa unidades políticas e permanece como um obstáculo fixo, não importando a presença de certos fatores comuns, físico-geográficos ou culturais (MACHADO, 1998). Na busca do entendimento e também conexões com o tema Estado-tampão, que muitas vezes agrega fatores diferenciados dentro do mesmo país, não se importando com homogeneidades. O caso belga atesta diversas heterogeneidades ao longo de seu território.

A palavra fronteira é considerada como fonte de perigo e/ou ameaça devido à possibilidade de desenvolver interesses distintos aos do governo central (MACHADO, 1998). Através da configuração de pensamento da autora podemos remeter ao conceito-chave do texto, Estado-tampão, que apresenta o perigo para o controle do país. A heterogeneidade da população de um país pode acarretar a falta de representatividade de determinadas camadas da população, ocasionando problemas sobre o controle do território. As fronteiras podem ser perenes e os cidadãos de países vizinhos podem vir a ter mais similaridades com etnias, povos, tribos, dentre outros, do outro lado da fronteira que os habitantes do mesmo país. Com isso, podendo vir a acarretar problemas ao poder central do Estado. O caso uruguaio é um exemplo disso, através da similaridade geográfica da região, chamada de território platino podemos muitas vezes verificar inúmeras similaridades culturais que se refletem por toda a região sul do Brasil, todo o território uruguaio e também a porção leste da Argentina.

Os conceitos de limites e fronteiras são abordados ao longo do trabalho de forma sucinta, na busca de embasar de forma mais ampla os acontecimentos históricos e geográficos dos referidos Estados-tampões. A abordagem de maneira separada de cada país tem o intuito de dar mais riqueza a cada análise e forma de pensar de diferentes épocas e motivos e agentes envolvidos nas dinâmicas.

EXEMPLOS DE ESTADO-TAMPÃO

Ao longo da história não faltaram países que estiveram entre grandes potências e tiveram suas políticas tanto internas quanto externas alteradas e/ou influenciadas por elas. Os Estados-tampões encontram-se em determinadas regiões que estão imersas em um contexto mais amplo que envolvem um número grande de atores. Na América do Sul o caso uruguaio é o mais nítido caso de Estado-tampão. O país obteve sua independência com o apoio inglês, devido aos inúmeros conflitos que eram constantes entre a Argentina e o Império do Brasil, que ao longo dos anos alteraram o domínio da área.

No continente europeu está repleto de exemplos de Estado-tampão. Em 1830, a Bélgica obteve sua independência em virtude da influência britânica. A Inglaterra promoveu a independência da Bélgica com o intuito de não deixar o porto de Antuérpia, que dava acesso ao interior da Europa, nas mãos de uma potência rival, como a Alemanha ou a França. A invenção da Bélgica não levou em consideração os elementos culturais, econômicos e/ou ideológicos da região, corrompendo valores intrínsecos a essa população.

Na Ásia, o Afeganistão é o exemplo mais problemático da criação de um Estado-tampão. O país nasceu com o intuito de separar o Império Russo e o Império Britânico da Índia. A reunião de inúmeras tribos, etnias, línguas e culturas diferentes resultaram em uma série de problemas internos que comprometem a viabilidade do país. Além disso, a consolidação do Afeganistão como Estado-nação vem esbarrando desde o início (o país ficou independente em 1919) nas rivalidades entre as inúmeras etnias que habitam seu território.

No continente africano temos o exemplo mais peculiar entre os países escolhidos como Estado-tampão, o Congo-belga. A história desse Estado-nação, que de início foi uma colônia do Rei Leopoldo II – solução inusitada encontrada para as disputas entre Inglaterra, França e Alemanha – se assemelha a dos demais Estados do continente africano, cuja formação das fronteiras não respeitou os limites entre as tribos e povos originários.

É importante salientar que cada caso de Estado-tampão possui uma história própria, localização e um momento histórico diferente. A análise da formação destes países é relevante para entender parte dos conflitos e os enclaves que atualmente ocorrem pelo mundo. A conceituação de Estado-tampão pressupõe algumas características, como a formação de Estado possui como característica algumas outras. Devido a sua importância, se buscou o geopolítico Friedrich Ratzel para auxiliar e embasar a justificativa para a independência de alguns Estados, no caso específico dele, o alemão. Durante este artigo a utilização de mapas e até charges serão correntes, a fim de que consiga explicitar da melhor forma possível as mudanças e os problemas que cada Estado-tampão possui.

Para realizar um estudo mais aprofundado de cada um dos casos citados, acredito que seja válido apontar que, infelizmente terei de fixar questões mais gerais e dinâmicas de cada país. Ou seja, mesmo alguns atores influenciarem diretamente e também indiretamente a tomada de decisões em alguns países, a análise somente contemplará a posição que o Estado tomou, independente da possibilidade de políticas divergentes dentro do referido país.

Nos parágrafos anteriores foram descritos de forma sucinta cada Estado-tampão, expondo motivos e agentes implicados em sua existência. Como etapa subsequente foi analisada de forma mais completa os motivos e as mudanças que ocorreram ao longo dos anos. Para isto, precisamos conceituar os termos de fronteira e limites, tão caros ao conhecimento geográfico.

A parte final do trabalho será composta de uma análise síntese dos quatro casos contidos e trabalhados neste artigo. O Barão de Rio Branco também é citado como elemento importante para entendermos nossas fronteiras e a questão dos acordos que são realizados, a fim de ajustar determinadas áreas pertencentes ou não aos países em foco. Como último ponto serão abordados questões atuais dos referidos países e também problemas provenientes de sua formação, que ainda estão na pauta para análise.

REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAI: UM ALGODÃO ENTRE DOIS CRISTAIS

O caso de Estado-tampão das Américas está intimamente ligado com o Brasil e mais especificamente com o estado mais ao sul do país, o Rio Grande do Sul. Toda a história desse estado foi associada a uma questão guerreira e de defesa das fronteiras. Ao visualizarmos o mapa da América do Sul podemos destacar dois países devido a sua extensão, são eles Argentina e Brasil, e partindo para outros elementos como população também se reflete esta mesma superioridade perante nossos vizinhos. Ao entrar nesta parte temos o Uruguai que é o clássico Estado-tampão, por ser aquele que está entre as duas potências.

A colonização espanhola do lado argentino em oposição ao lado brasileiro que foi colonizado por portugueses propiciou vários conflitos, devido à falta de limites e acordos claros entre os dois lados. Por diferentes momentos houve possessões que eram hispânicas e passaram para o lado português, muitas vezes por acordos e outras por batalhas e guerras que eram travadas quase ininterruptamente entre as tropas das fronteiras. Não se pode deixar de mostrar que os mapas de independência e os atuais foram se alterando ao longo dos anos, na figura 1 mostra como era a República Oriental do Uruguai em sua independência (PADRÓS, 1996).

FIGURA 1 – Formação do Estado uruguaio



Fonte: INDOIBERIA, 2014.

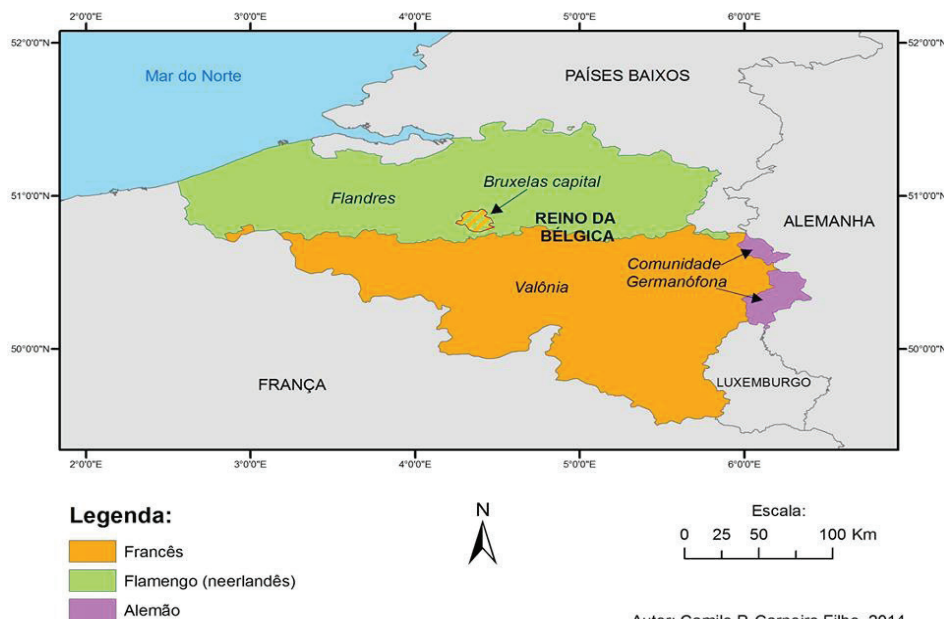
A partir desse mapa podemos entender um pouco a questão do sentimento platino, e as íntimas relações e semelhanças entre as pessoas que fazem parte dessa região. A atual fronteira compreende uma distinta área do que a que compõe o atual mapa. A expressão do Lord Ponsonby “(...) colocamos um algodão entre dois cristais.” explicita a vantagem inglesa de acabar com o impasse entre as duas potências visando o aumento de seu comércio e domínio político sobre toda a região (PADRÓS 1996). Podemos verificar a intensa comercialização inglesa logo após a

independência do Uruguai, com a manutenção do comércio de carnes e a importação de produtos industrializados da metrópole. A presença da marinha inglesa controlando e fornecendo suporte militar, a fim de, consolidar toda a parte mercantil do sistema e também os vários acordos que foram realizados com o favorecimento explícito dos ingleses em detrimento do recém-independente Uruguai (PADRÓS 1996).

BÉLGICA: UMA CRIAÇÃO DA INGLATERRA

A Bélgica está situada entre grandes potências europeias, encravado entre Holanda, França e Alemanha. Esta posição lhe confere inúmeras influências externas e até hoje esse país sofre com a problemática linguística e territorial. O mapa linguístico abaixo demonstra como se configura questão do idioma no país belga (Mapa 1). A “construção” da Bélgica ocorreu devido a uma invenção dos inimigos principalmente da França que temiam uma expansão para o norte.

MAPA 1 – Bélgica: áreas linguísticas



O porto de Antuérpia possui um ponto chave no continente europeu, devido a sua localização que dá uma entrada por toda a parte continental da Europa. Com medo que essa posição privilegiada ficasse nas mãos de outra potência a Inglaterra influenciou diretamente a sua independência (BARREAU; BIGOT, 2007). Na história temos três momentos de tentativa sobre o domínio desse porto, o primeiro é o exemplo francês que através de Napoleão, Guilherme II da Alemanha e posteriormente Hitler. As questões separatistas e de mudanças internas, até o momento estão em pauta. O território da Bélgica sempre esteve em disputa pelas potências que atualmente fazem fronteira com a mesma.

Todo o sul da Bélgica possui forte influencia francesa, e os idiomas são um exemplo disto, como o mapa acima mostra. Na parte norte do território belga há a influência neerlandesa, que

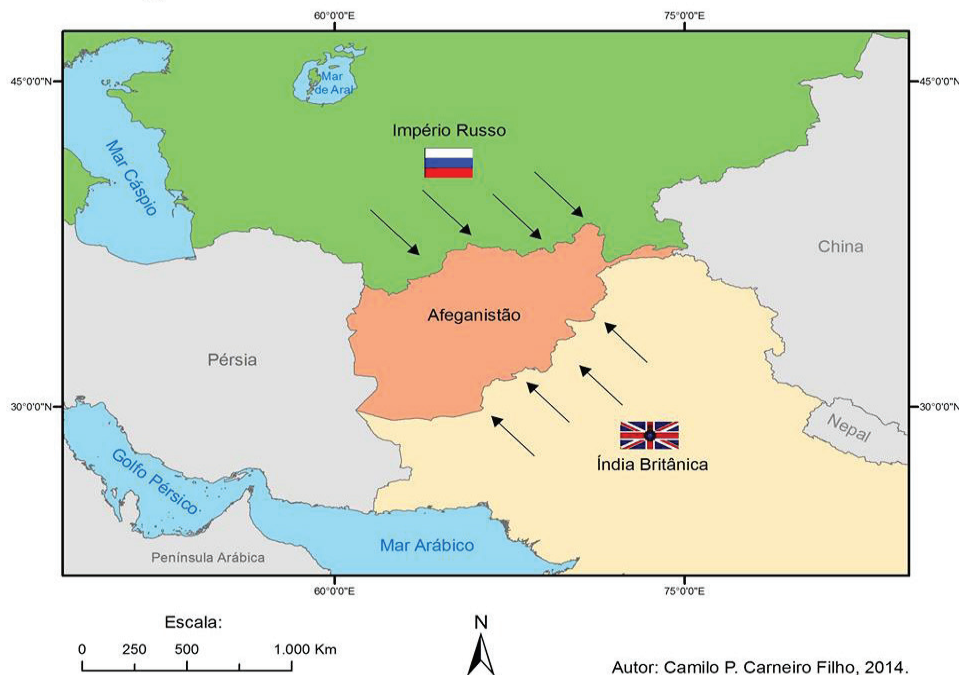
mostra parte da artificialidade desse Estado-tampão. E podemos acrescentar também a pequena presença do idioma alemão nesse país, na área leste do país. Apesar da falta de coesão, em 1830, as potências com o “apoio” inglês reconheceram a Bélgica como um Estado neutro, e com a capital central em Bruxelas. Porque de acordo com o Duque de Wellington, a posse do porto de Antuérpia significava: “uma arma apontada para o coração da Inglaterra” (BARREAU; BIGOT, 2007).

AFEGANISTÃO: TRIBOS RIVALS DIVIDINDO O MESMO TERRITÓRIO

O caso de Estado-tampão da Ásia perpassa uma longa e complexa relação entre grandes potências, no referido caso, a Inglaterra e a Rússia. O referido país é uma província montanhosa do leste do mundo iraniano. Atualmente, o Estado do Afeganistão possui inúmeros países que fazem fronteira com ele, no entanto iremos situar dois que se fazem necessários para o entendimento da questão da independência deste Estado. E também é importante mostrar através do mapa abaixo () como era a configuração desta área no período de disputa das grandes potências.

Na porção sul tínhamos o caso da colônia do Império Britânico, à saber a Índia Britânica, que possuía um grande mercado de trabalho (mão-de-obra abundante e barata) e mercado consumidor para os produtos industrializados britânicos. E inúmeros interesses nesta área, não é à toa que foram travadas três guerras anglo-afegã, com o intuito de dominar toda esta região, contudo o Afeganistão resistiu exitosamente a essas investidas do Império Britânico (REGIANI, 2013). O norte do Afeganistão possuía como fronteira o Império Russo que vinha se expandindo e criando através das ferrovias melhores formas de controlar e também integrar seu vasto território. O mapa 2 demonstra a área em disputa pelos impérios britânicos e russos.

MAPA 2 – O Afeganistão e a rivalidade russo-britânica do séc. XIX



O contexto histórico e os cenários da época juntamente com características geográficas se fazem necessárias para realizar um entendimento de toda conjuntura e todo o jogo político e institucional dessas potências. Dois fatos são dignos de nota e mostram a preocupação entre as potências envolvidas, primeiro a expansão a partir de 15 de novembro de 1897 e com sua finalização em 04 de dezembro de 1898, dos trechos que compreendem Merv-Kushinski, da Ferrovia Transcaspiana na região por parte dos russos. Do lado britânico como resposta temos a retomada de trabalhos de ligações ferroviárias na direção do Afeganistão. Em determinado estudo realizado nesta temática, o autor coloca um elemento curioso em seu trabalho, que é a utilização de camelos pelos britânicos na construção, ao invés de ferrovias temporárias e as obras aparecem como melhorias da rede ferroviária e não como uma verdadeira expansão que estava ocorrendo na época (REGINIANI, 2013).

O Império Russo a caráter de exercícios militares realizou operações no Cáucaso conseguindo deslocar tropas em oito dias até a fronteira afegã. Neste momento cada potência a seu modo se preparava para expandir e controlar seus domínios, contudo é necessário colocar a questão do Estado afegão via seu território cada vez mais cercado por poderosas potências e de 1880 a 1901 o rei do Afeganistão banuiu a construção de ferrovias e linhas de telégrafos no país, uma vez que eram construídas por potências estrangeiras, e vinham a serem utilizadas pelas mesmas (VÁSQUEZ, 2013).

Após este período de grande instabilidade entre o Império Britânico, o Império Russo e o Afeganistão, houve uma minimização dos interesses por está região, pois no continente europeu começava a ascensão da Alemanha. Então, as duas potências entraram em acordo e se eximiram dos assuntos tangentes ao Afeganistão, que mais tarde, à saber sua independência ocorreu em 1919, veio a se tornar um Estado-tampão entre estas duas potências (REGIANI, 2013).

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO: O RESULTADO DA RIVALIDADE EUROPEIA

A exploração do continente europeu ocorreu de forma indiscriminada ao longo dos últimos séculos por diferentes potências que viam ali, uma área para dominação e expansão de suas áreas. A famosa conferência de Berlim realizada em 19 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885 teve como escopo organizar, na forma de regras, a ocupação do continente africano. Os atuais mapas políticos da África atestam de que a partilha não pensou em questões étnicas e nem pensou nos povos do continente afetado. É interessante analisar os antigos mapas da partilha juntamente com os atuais mapas, e notar a similaridade de inúmeros países.

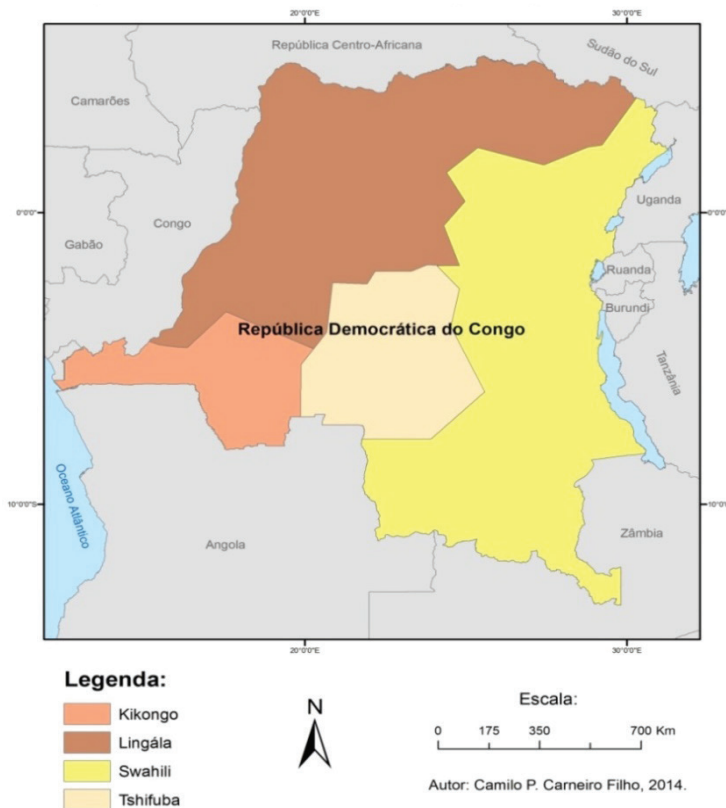
O atual Estado-tampão da República Democrática do Congo surgiu como uma solução para as disputas entre as potências europeias, tendo sido atribuído ao rei Leopoldo, da Bélgica. Posteriormente, após o tratamento extremamente desumano e cruel do rei para com os nativos o território passou ao controle do Estado, sendo denominado Congo-Belga (BARREAU; BIGOT, 2007).

Esta vasta região africana foi conhecida como sendo a mais rica colônia africana. Outro elemento assinalado na parte superior do texto é a questão de não respeito às questões étnicas e culturais dos povos originários do continente africano. Muitas vezes as fronteiras impostas pelos “colonizadores” dividiam tribos e etnias, sem se preocupar com as consequências implicadas. O caldeirão étnico do Congo prejudica enormemente qualquer tentativa governamental de trabalhar

com políticas mais homogêneas, devido às diferenças existentes entre as tribos que não respeitam as fronteiras dos mapas.

A grande variedade cultural composta dentro do mesmo país, tendo ainda dentro de cada divisão grupos minoritários não representados agrega-se a outra questão: a das línguas e dialetos (BARREAU; BIGOT, 2007). O mapa 3 demonstra a diversidade linguística do país.

MAPA 3 - Idiomas predominantes na República Democrática do Congo



Apesar das variáveis tribais, linguísticas e características do território da República Democrática do Congo, a formação deste Estado-tampão manteve grande parte do traçado colonial. Muitas das colônias africanas obtiveram sua independência através de guerras. No entanto, apesar das guerras os laços com a “metrópole” ainda se manteve, com o comércio e a dependência em vários aspectos. O caso desse país reflete a dependência de produtos industrializados em virtude de sua grande exportação de produtos primários.

CONCLUSÕES

Os Estados-tampões embora tenham nascido sob a influência de interesses externos e tragam consigo aspectos de artificialidade podem vir a se tornar, ao longo do tempo, verdadeiros Estados nacionais, podendo desenvolver características culturais próprias. Este artigo buscou explanar algumas das ideias que perpassam a formação dos Estados-tampões. Atualmente, nem todos os Estados-tampões analisados no texto sofrem com problemas internos que contestam sua legitimidade.

No caso da República Oriental do Uruguai, a estabilidade política é uma característica histórica e a identidade nacional está presente desde a conquista da independência. Apesar de o Uruguai estar entre potências econômicas consegue exercer sua diplomacia e seu poder através de acordos e políticas de cooperação sul-americanas.

A independência da Bélgica é um dos maiores exemplos de Estado-tampão, que ainda possui sérios problemas internos. suas regiões linguísticas, divididas em três línguas e em etnias diferentes. Podemos verificar ao norte a região denominada de Flandres, economicamente mais privilegiada tendo como idioma o neerlandês. Na parte sul há a região da Valônia, cuja área está em decadência econômica e o idioma é o francês. E também fazendo parte deste contexto temos pequenas áreas do leste que fazem parte de Flandres, aonde o idioma oficial é o alemão. Até hoje temos disputas pela mudança de bandeira, de alteração nas leis, questões de maior participação da parte sul no Estado belga.

No Afeganistão a situação apresenta uma grande complexidade, devido ao tipo de independência que obteve, e ao fato de sempre estar condicionada a influência de países próximos. É relevante assinalar a invasão da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no ano de 1979, que além de ter devastado a frágil economia afegã possibilitou o domínio do grupo Talibã apoiado pelos Estados Unidos. Nos anos 2000 sofreu uma nova intervenção militar, desta vez, arquitetada pelos Estados Unidos e alguns países aliados, em resposta aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. E novamente veem a devastar toda a população desta área. Apesar das vastas reservas de lítio essenciais para a produção de baterias, a produção de drogas do país com o ópio apenas aumenta apesar das tropas norte-americanas continuarem no Afeganistão.

A generalização de determinadas situações é complicada, entretanto a partilha realizada no continente africano é na maioria dos países ainda um problema. No referido caso, a República Democrática do Congo a diversidade étnica ainda apresenta problemas no caso de uma representatividade de grande parte do país. Os elementos externos, através de interesses são recorrentes e tendem a favorecer esta ou aquela força que venha atender suas necessidades. Este Estado-tampão possui uma grande riqueza no sentido de sua terra, no entanto as formas que estão explorando essas riquezas não tendem a priorizar as reais necessidades da população congolês.

Ao pensarmos o conceito de Estado-tampão e verificarmos algumas diferenças atuais entre os mesmos, temos a não determinação sob a real condição de determinado país a partir de sua criação, a partir dos casos expostos nesse trabalho. O trabalho de Friedrich Ratzel com o objetivo de unificar um “povo” (caso da Alemanha, em 1870) através de um idioma, uma região e características homogêneas foram usados por ele para embasar suas ideias.

O livro “O Príncipe” fornece subsídios e formas de fazer, através de inúmeros exemplos trazidos pelo autor, que aborda o caso específico da Itália. A dificuldade de conseguir materiais que embasassem o referido artigo também ajudou a compreender de forma mais completa toda a dinâmica que envolve a independência de vários países.

O Estado-tampão apesar de ter sido legitimidade por potências, ainda hoje traz discussões e problemas para populações que não se sentem representadas e nem legitimadas pelos países que vivem. Por ter de tratar de vários países, as informações sobre os Estados não vieram a contextualizar de forma plena toda a realidade. Esse trabalho buscou mostrar, mesmo que de forma superficial a

interferência e o motivo de independência de alguns países. Na tentativa de assinalar que alguns problemas que atualmente influenciam em sua agenda, são resultado de elementos criados na sua formação.

REFERÊNCIAS

- BARREAU, Jean-Claude; BIGOT, Guillaume. *Toute la géographie du monde*. Paris : Fayard, 2007.
- BBC. *Afeganistão se torna país com maior proporção de viciados em drogas*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/04/130411_afeganistao_viciados_pai.shtml>. Acesso em 08 de jun. de 2014.
- COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder*. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- FONT, Joan Nogué; RUFÍ, Joan Vicente. *Geopolítica, Identidade e Globalização*. São Paulo: Annablume, 2006.
- INDOIBERIA. *Quem conquistou e quem defendeu o Rio da Prata na realidade*. Disponível em: <<http://indoiberia.blogspot.com.br/2013/10/quienes-conquistaron-y-defendieron-el.html>>. Acesso em 28 de jun. de 2014.
- JORGE, A.G. de Araújo. *Rio Branco e as fronteiras do Brasil*. Uma introdução às obras do Barão do Rio Branco. Brasília: Senado Federal, 1999.
- MACHADO, L. O. 1998. Limites, Fronteiras, Redes. In: T. M. Strohaecker *et al.* (Orgs.). *Fronteiras e Espaço Global*. Porto Alegre: AGB. pp. 41-49.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Capítulo XVI. 3ª Edição, São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MARTIN, Xavier. *Poder americano*. Disponível em: <<http://blog2.xaviermartin.fr/index.php?post/2008/04/18/122-la-puissance-americaine>>. Acesso em 18 de jun. de 2014.
- PADRÓS, Enrique Serra. A “pax britânica” e a independência do Uruguai: Estado-tampão e a balcanização do espaço platino. *Anos 90*, Porto Alegre, nº 5, jul. 1996.
- RATZEL, Friedrich. O solo, a sociedade e o Estado. *Revista do Departamento de Geografia da USP*, 1982.
- REGIANI, R. A fronteira terrestre de um império marítimo. *Revista Geonorte*, Edição Especial 3, v.7, nº 1, pp.926-944. 2013.
- ROSECRANCE, Richard. *La expansión del Estado comercial. Comercio y conquista en el mundo moderno*. Madrid: Aliança Editorial, 1986.
- SENDA DA HISTÓRIA. *Idade Contemporânea*. Disponível em: <<http://sendadahistoria.blogspot.com.br/p/idade-contemporanea.html>>. Acesso em 18 de junho de 2014.
- VÁZQUEZ D. D., Geopolítica Geral do Islã (Parte 2) *Revista de Geopolítica*, v.4, nº1, p.182-216, jan/jun. 2013.
- VESENTINI, José William. *Novas Geopolíticas*. São Paulo: Contexto, 2005.